

Política e biblioteca no Brasil. Maristella Petti entrevista Luciana Grings



Luciana Grings possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), especialização em Educação Infantil pela UFRGS (2003) e Mestrado em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2007), onde é atualmente doutoranda. Desde 2009 é Coordenadora de Serviços Bibliográficos da Fundação Biblioteca Nacional, responsável pelas áreas de Depósito Legal, Intercâmbio e Processamento técnico. Atualmente é Vice-Presidente da Seção Brasil da Associação Internacional de Bibliotecas, Arquivos e Centro de Documentação em Música (IAML-Brasil) e Secretária Técnica da Associação de Estados Ibero-americanos para o desenvolvimento das Bibliotecas Nacionais de Ibero-América (Abinia).

*A senhora poderia resumir em breve a história da biblioteca no Brasil, das origens ao papel que desempenha hoje em dia no contexto nacional?*

Muito brevemente, somos herdeiros da Real Biblioteca de Portugal, que veio para o país quando D. João VI fugiu da invasão das tropas napoleônicas em 1808 e trouxe consigo a biblioteca de 60 mil itens, cuja aquisição pelo jovem Império brasileiro se deu em 1825, pelo Tratado de Paz e Amizade entre Brasil e Portugal. Inicialmente, o acervo esteve acomodado nas catacumbas do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, sendo transferido em 1858 para a rua do Passeio, na Lapa. Com o rápido esgotamento do espaço disponível para o acervo, em 1905 inicia a construção do atual prédio sede, na Avenida Rio Branco, que foi inaugurado em 1910. Atualmente, temos um acervo estimado em 9 milhões de peças e, além do acervo físico, contamos com mais de um milhão e meio de itens na BN Digital, que não só preserva e disponibiliza peças importantes do acervo em formato digital de alta qualidade, mas também trabalha em diversas parcerias com instituições do mundo todo, em especial com Portugal e demais países da comunidade iberoamericana. Somos a única biblioteca lusófona fundadora da Biblioteca Digital Mundial. Ou seja: somos não só o museu do livro brasileiro em constante desenvolvimento, como a vitrine internacional dele.

*A biblioteca moderna tem uma dupla tarefa: preservar os livros e permitir o uso ao público. Cada nação possui seu próprio sistema bibliotecário que, de acordo com seu contexto histórico, é mais voltado para uma ou outra tarefa. O Brasil se inspira em algum país ou modelo específico?*

Não. Temos uma realidade muito particular no sistema bibliotecário brasileiro: somos um país muito grande, com um sistema de bibliotecas públicas que é notoriamente carente, e que se desenvolveu muito irregularmente por conta da paulatina expansão territorial e econômica do país. Em verdade, tentamos cumprir com as tarefas de preservação e acesso na medida em que uma ou outra tarefa são mais afeitas à missão institucional dos diferentes tipos de bibliotecas. Às públicas, cabe o acesso; à Nacional,

a preservação da memória – mas, para que todos possamos cumprir com nossas tarefas, é preciso melhorar as condições de trabalho em todos os níveis.

*O Brasil é uma república federativa. Essa forma de governo interfere na gestão das bibliotecas? A tutela dos livros é uma competência estadual ou federal? Existe atualmente entre as bibliotecas brasileiras uma hierarquia que refleta esse duplo nível estadual/federal?*

A questão da tutela do acervo acaba gerando controvérsia, pois muitos órgãos ainda trabalham com a perspectiva do livro como bem patrimonial, o que dificulta a circulação e usufruto do material. Em bibliotecas públicas, de qualquer nível, o livro é considerado bem de consumo desde a promulgação da Lei do Livro (Lei 10753) de 2003. A hierarquia existe em termos de sistematização, não de controle organizacional. Assim, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas trabalha coordenando as bibliotecas públicas estaduais e municipais, de modo a produzir melhores resultados com a rede disponível.

*Quais são as funções da Biblioteca Nacional brasileira, a maior da América Latina?*

A missão principal da BN brasileira, bem como a de qualquer biblioteca nacional, é a de preservação da memória bibliográfica do país. Qualquer outra tarefa é decorrente dessa, que se efetiva com a correta aplicação da legislação do depósito legal. Assim, trabalhamos também para desenvolver as melhores práticas em conservação e restauração de acervos, atuamos como agência bibliográfica nacional na geração de registros bibliográficos e de autoridades compartilháveis, desenvolvemos pesquisas tendo por base nosso acervo e registramos obras intelectuais no Escritório de Direitos Autorais.

*Em que consiste, detalhadamente, o Depósito Legal no Brasil? Pode nos falar de números e estatísticas?*

O Depósito Legal, legislação já aplicada há séculos em países como a pioneira França, determina que o impressor envie pelo menos um exemplar de cada uma de suas publicações, em qualquer suporte, para compor o acervo da Biblioteca Nacional, única instituição depositária de material bibliográfico em âmbito nacional no país. A lei em vigor foi promulgada em 2004, tendo sido reforçada por lei semelhante em 2010, que versava exclusivamente sobre o depósito de material musical. Com isso, só nos dois últimos anos recebemos uma média anual de 78 mil peças, entre livros, periódicos, material iconográfico e sonoro, mapas e outros. Só em 2016, recebemos mais de 25 mil livros.

*A senhora foi recentemente envolvida em um “conflito de competências” – usando aquela que foi a sua própria definição nas redes sociais. Pode nos explicar o que aconteceu?*

Muito sucintamente, um grupo de trabalho foi convocado, no âmbito do Ministério da Cultura, por entidade alheia à Biblioteca Nacional, para propor novas formas de gestão do depósito legal. Entendemos que o conflito de competências se estabeleceu no momento em que a Biblioteca não foi consultada sobre a real necessidade dessa discussão, e da inclusão de atores totalmente externos ao processo, que desconhecem a realidade do depósito legal. Não entendemos o porquê da convocação desse grupo de trabalho, já que o Depósito Legal não é um tema que demande esse tipo de discussão. A Biblioteca está envolvida em muitas outras demandas, estas sim urgentes e que merecem a máxima atenção. Ao mesmo tempo, estamos trabalhando em reformas físicas em três dos prédios que abrigam setores da BN. O prédio sede está passando pela maior reforma de fachada desde a sua inauguração, com recuperação de elementos metálicos, troca de esquadrias, pintura, num processo com duração de mais de um ano. Está em planejamento a também urgente reforma da estrutura elétrica, condição indispensável para podermos incrementar o parque tecnológico e de trabalho. Recentemente tivemos que deslocar a Divisão de Música e Arquivo Sonoro, o Escritório de Direitos Autorais e a Biblioteca Euclides da Cunha, localizadas no Palácio Gustavo Capanema, que também está em processo de reforma integral. Além disso, existe a urgência em executar a reforma do prédio Anexo, onde já está uma parte considerável de nosso acervo, e que precisa da máxima celeridade na obra para podermos acomodar a Hemeroteca Brasileira. Precisamos de investimento na infraestrutura de armazenamento físico e digital, precisamos de investimento no quadro de pessoal, precisamos de atenção às demandas de trabalho. Esperamos que o Ministério perceba que esta não é uma discussão a ser iniciada sem antes verificar as verdadeiras necessidades da Biblioteca e cancele o GT.

*Há no Brasil cursos universitários específicos para a formação acadêmica de bibliotecários altamente qualificados? A senhora acha que este papel seja suficientemente valorizado na cultura do país?*

Pessoalmente, acredito que o currículo da Biblioteconomia no país está se voltando excessivamente para a formação tecnicista em detrimento de uma formação humanista, acadêmica, que prepare o profissional para lidar com pessoas, com bibliotecas como organismos vivos e dinâmicos, e não só com computadores e bases de dados. Infelizmente, não sei dizer se o modelo de formação de bibliotecários em nível superior é o ideal. Parece-me que se leva muito tempo depois de graduado para adquirir a necessária expertise na área de atuação em que se vai trabalhar, o que poderia ser facilitado se a biblioteconomia fosse uma especialização. De todo modo, acredito que não, o trabalho do bibliotecário não é adequadamente valorizado no país. A remuneração não é correspondente ao grau de especialização e dedicação à tarefa, e as

condições de trabalho não são as corretas. Normalmente, as bibliotecas sofrem com falta de espaço, falta de orçamento, falta de materiais, falta de pessoal (em especial nas instituições públicas, onde a falta de concursos ameaça a carreira dos servidores de Estado). Em bibliotecas escolares, por exemplo, ainda temos o problema da própria instituição escolar não saber bem onde incluir a biblioteca em sua organização: como um órgão pedagógico ou administrativo.

*Qual é o estado atual da Biblioteca Digital? Em geral, qual o seu ponto de vista sobre o assunto: acredita que o advento do digital acabará com o livro impresso ou que lhe oferecerá uma vida eterna?*

A Biblioteca Digital Nacional, oficialmente implantada há pouco mais de dez anos, está sofrendo com um problema análogo à BN física, que é a falta de espaço para armazenar sua crescente incorporação de documentos. As soluções são estudadas permanentemente pelas equipes responsáveis, mas não encontram acolhimento nas instâncias competentes para resolver os problemas. Apesar disso, seguimos trabalhando em prol da divulgação responsável do acervo da Biblioteca. As políticas de digitalização de materiais levam em conta critérios como a incidência de direitos patrimoniais sobre as obras, a importância da peça dentro do acervo para a representação da coleção da Biblioteca, a possibilidade de composição de projetos em parceria com instituições congêneres. Quanto ao fim do livro impresso, não acredito nele. Já vejo essa discussão há mais de vinte anos e o fetiche do livro, do cheiro do papel, da cor impressa, não cede. Pode ser que o mercado esfrie, que um determinado tipo de livro acabe mais ou menos distribuído digitalmente, mas algumas publicações são muito desfiguradas pelo formato digital. A experiência física do peso do papel nunca será plenamente substituída pela visualização em tela.